

24 NOV 1989

Márcio Fortes \*

# Eleição Presidencial As pedras do sectarismo JORNAL DO BRASIL

**E**u e meus filhos votamos pela primeira vez no dia 15 para presidente da República. A emoção que toda a minha geração de quarentões sentiu ao pôr seu voto na urna tem um sentido: com esta eleição reconquistamos a cidadania. Aos cem anos de vida republicana, encerramos um capítulo da nossa História e iniciamos uma nova era. Agora tornou-se possível concretizar os nossos sonhos: como disse Dom Helder, se todos somos capazes de sonhar juntos, seremos capazes de transformar esse sonho em realidade.

O dia 15 de novembro teve um clima de apoteose. Era o coroamento de uma grande festa democrática com 82 milhões de protagonistas — a maior participação eleitoral da nossa História e uma das maiores do mundo. Tudo foi superlativo. Programas gratuitos na televisão com grandes audiências (desmentindo os céticos que previam o desinteresse popular); e enormes massas humanas nos comícios, lembrando as da campanha das *diretas*, já em 1985 (igualmente desmentindo os que previam que, com os “comícios eletrônicos”, o povo não iria para as ruas). As manifestações eram tão grandiosas que os próprios candidatos, vendo-se transmutados em símbolos das mais tocantes aspirações da população, comoviam-se e choravam nos palanques.

Eles merecem, aliás, o reconhecimento da nação: peregrinaram por todo o país na campanha; expuseram-se ao mais franco debate; e, quando se tentou conspurcar o processo na reta de chegada com uma candidatura extemporânea, souberam unir-se no repúdio nacional. Fizeram uma campanha limpa: as poucas irrupções de violência cessaram logo que foram repelidas pela opinião pública.

Esta eleição chegou num instante histórico, carregado de simbologias, e temos mais uma para marcá-la: o fim do Muro de Berlim. Este é um tempo de demolição de barreiras e de muralhas. No momento em que estamos edificando os nossos novos caminhos, olhem para fora das fronteiras e vejamos como o mundo está mudando. Na própria semana do nosso pleito o povo na Namíbia faz eleições e começa a escrever sua Constituição, e nos Estados Unidos elegem-se o primeiro go-

vernador negro e o primeiro prefeito negro de Nova Iorque. A Europa Ocidental remove as fronteiras econômicas e apressa a integração; o mercado comum caminha para uma só moeda; o Japão penetra com tecnologia e capital em todos os continentes. Na China, após o massacre, a juventude tenta livrar-se das tenazes de um sistema político esclerosado. Na Europa Oriental abrem-se os mercados ao Ocidente. A Hungria, a Polônia, a Bulgária e a Tcheco-Eslováquia sacodem as estruturas anacrônicas da burocracia. E em Berlim as multidões passam por cima do Muro, arrancando as pedras do sectarismo e lançando os tempos da guerra fria no fundo do baú da História. O povo cansou-se de muros, de divisões e de maniqueísmos, e quer agora harmonia e liberdade.

No Brasil também estamos demolindo barreiras e preconceitos. Os brasileiros mostraram mais uma vez com o voto que já está superada a rígida dicotomia esquerda-direita: a polarização maior hoje é a eficiência contra o burocratismo; a ética contra a corrupção; o moderno contra o arcaico. A eleição exprimiu a indignação da sociedade com o caudilhismo, a esperteza, o fisiologismo e outras velhas práticas: candidatos e partidos com esses vícios estão sendo varridos da cena política.

A sociedade vem, portanto, demonstrando a cada eleição — e teremos outra no próximo ano — que quer eleger para liderá-la homens públicos capazes de acelerar o processo de transformações sociais. Este é um país jovem que não se conforma com o atraso e as desigualdades, e que quer falar a linguagem da modernidade.

Não vamos entrar aqui no mérito das plataformas dos dois candidatos eleitos para o segundo turno, mas vale registrar uma evidência: ambos apresentaram-se à sociedade com propostas de inconformismo e de mudanças e com idéias afinadas com os mais fortes anseios populares: moralidade pública, austeridade e renovação.

Cem anos depois de Deodoro, os brasileiros fizeram com o voto uma legítima e impetuosa revolução. E, como os alemães-orientais, ao destruírem o Muro de Berlim, sem uma só gota de sangue.

\* Presidente do Banerj